

INOVAÇÃO E FUTURO

***Roberto Rodrigues**

Com grande frequência ouço perguntas buscando explicações para o sucesso da agropecuária brasileira nos últimos 40 anos ou mais, sobretudo em comparação com outros setores da economia. É sempre lembrado o fato de que até os anos 70 do século passado o Brasil importava alimentos e hoje, além de ser um dos maiores exportadores mundiais, atendendo a mais de 170 mercados, conseguiu melhorar a qualidade e reduzir o custo da alimentação para o povo brasileiro.

Claro que há muitas causas ao longo do período referido, como alguns bons programas oficiais estruturantes como foram o Prodecerr (Programa de Desenvolvimento do Cerrado), em 1973, que ampliou enormemente as áreas para atividade rural, ou como o Moderfrota nos anos 90 (que permitiu a renovação do sucateado parque motomecanizado do setor rural), ou ainda a redução das taxas de juro e a criação do seguro rural no começo do século XXI. Também foi muito importante o espírito inovador e o empreendedorismo dos produtores rurais que com grande coragem, por exemplo, deixaram tudo o que tinham para trás nos estados do sul, do sudeste e do nordeste e foram para o centro-oeste iniciar uma nova vida com muito trabalho e sacrifício. Obviamente o aumento da demanda internacional por alimentos ajudou o crescimento da produção e da exportação, mas indiscutivelmente a grande alavanca para esses saltos colossais do agro foi a tecnologia gerada em nossos órgãos de pesquisa públicos e privados e nas Universidades. A tropicalização das rotas tecnológicas a partir dos anos 70 do século passado potencializou os avanços e as inovações que foram vigorosamente adotados com rapidez pelos produtores rurais e permitiram o desenvolvimento de uma invejável produção sustentável no país.

Há diferentes análises sobre como a tecnologia permitiu esse desempenho que os números comprovam.

Há quem diga, por exemplo, que a ciência teve 3 momentos diferentes em termos de atenção ao progresso tecnológico: o primeiro teria sido a dedicação ao tema da genética, que deu origem a variedades e raças adequadas aos diferentes tipos de solo e de clima do imenso território nacional com sua importante e variada diversidade. O segundo grande passo seria a preocupação com a fertilidade do solo, o desenvolvimento de inovações que permitiram, por exemplo, domar o cerrado, então considerado impróprio para agricultura de qualquer natureza e mesmo para pastagens produtivas: o solo era ácido, com baixa fertilidade e com pouca matéria orgânica, não armazenando água como solos mais argilosos e de outras origens. A pesquisa identificou maneiras de corrigir aqueles solos, adubá-los e transformá-los em terrenos absolutamente adaptados aos cultivos principais que já existiam em outras regiões, com destaque inicial para a soja, a brachiaria (uma forrageira para pastagens) e o gado zebu. E o terceiro vigoroso mote tecnológico teria sido a mecanização. De fato, a partir de 1994, com a primeira versão da feira Dinâmica Agrishow em Ribeirão Preto, em terreno do Instituto Agrônomo de Campinas, ficou patente nosso atraso técnico na maquinaria agrícola, começando um gigantesco processo de

modernização e transformação que se completou mais tarde com o Moderfrota. E hoje temos no Brasil lançamentos dos mais novos modelos de máquinas e equipamentos (como colheitadeiras) simultaneamente com ações paralelas nos países mais desenvolvidos do globo.

Também existe uma visão alternativa, segundo a qual a tecnologia destinada ao campo foi determinada por outros 3 fatores, sendo o primeiro a necessidade de expansão da área cultivada para reduzir a dependência de importação e melhorar a autossuficiência de alimentos, energia e fibras; o segundo teria sido a necessidade de ter competitividade num cenário global que se mostrava fortemente disputado por agricultores de países mais ricos e desenvolvidos que o nosso. E o terceiro, mais recente, é a crescente demanda por produção sustentável, preservando os recursos naturais.

Não importa qual das duas - e há outras interpretações - é a mais consistente com a realidade brasileira. Aliás, estas duas podem ser vistas como complementares. O que importa é que, sem tecnologia, nada teria acontecido e talvez fossemos ainda importadores de comida, atrasados e dependentes.

E não podemos parar.

Vem vindo aí muito mais competição. Vem vindo a nova onda da digitalização e conectividade no campo. Estão chegando os bioinsumos, os biopesticidas, a bioeconomia, os sistemas integrados de produção como a agricultura de baixo carbono, a carne de carbono neutro, a edição genômica, sem falar na já consagrada biotecnologia, e na indispensável difusão de tecnologia. E novos hábitos alimentares. Novas indústrias de transformação. Não podemos parar. Se é verdade que o Brasil tem a tecnologia tropical mais sustentável do planeta, também é verdade que os investimentos em inovação precisam continuar, e mais vigorosos do que já foram no passado. Isso é uma exigência da modernização competitiva.

Sem ciência não há futuro para nenhuma nação.

*** Roberto Rodrigues - Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos toda 3ª segunda-feira do mês**